

CONSISTENCIA MENSURÁVEL DO SEXISMO AMBIVALENTE NO CONTEXTO BRASILEIRO

MEASURABLE CONSISTENCY OF THE AMBIVALENT SEXISM IN THE BRAZILIAN CONTEXT

(2006)

Durante a realização deste estudo o autor na lecionava no CEULP-ULBRA e contou com Bolsa de Produtividade Científica - PROICT desta instituição, a qual agradece.

Nilton Soares Formiga

Mestre em psicologia social pela universidade Federal da Paraíba e professor na mesma Universidade
E-mail: nsformiga@yahoo.com

RESUMO

O objetivo deste estudo trata-se de avaliar a consistência interna e estrutural do inventário de sexismo ambivalente em dois contextos brasileiros. Este instrumento, adaptado por Formiga, Gouveia e Santos (2002) é constituído por 22 itens, respondidos em escala de cinco pontos, tipo Likert; teoricamente avalia dois fatores: sexismo hostil e sexismo benévolo. Duas amostras, a primeira 257 sujeitos da população geral da cidade de Palmas; a segunda, 287 sujeitos entre população geral e universitários de João Pessoa compuseram este estudo. O inventário foi aplicado individualmente, nas ruas de ambas as cidades; após conseguir a permissão dos transeuntes quando abordados era entregue o instrumento. Para isso, era garantido o anonimato das respostas. Os resultados confirmaram, nas duas amostras, a existência dos dois fatores, bem como, sua consistência interna, corroborando os estudos Formiga, Gouveia e Santos (2002).

Palavras-chave: sexismo, fidedignidade, estereótipos

ABSTRACT

The objective of this study went the one of evaluating to consistency it interns and structural of the ambivalent sexism inventory in two Brazilian contexts. This instrument, adapted by Formiga, Gouveia and Santos (2002) it is constituted by 22 items, answered in scale of five

points, type Likert; theoretically it evaluates two factors: hostile sexism and benevolent sexism. Two samples, the first 257 subject of the general population of the city of Palmas; in the other, 287 subjects among general and university of João Pessoa population composed this study. The inventory was applied individually, in the streets of both cities; after getting the peoples' permission when approached the instrument was given. For that, the anonymity of the answers was guaranteed. The results confirmed, in the two samples, the existence of the two factors, as well as, its consistency interns, corroborating the studies Formiga, Gouveia and Santos (2002).

Palavras-chave: sexism, trustworthy, stereotype

INTRODUÇÃO

O estudo sobre o preconceito tem sido um tema de grande interesse nas ciências sociais e humanas, especialmente na Psicologia Social. Esta ciência parte do pressuposto que os fenômenos sociais ocorrem na dinâmica das relações interpessoais (Brown, 1990). Pensar desta maneira é conceber o ser humano em movimento (Lane 1987), onde sociedade e indivíduo se entrecruzam (Elias, 1994; Tajfel, 1983) em direção da construção dos fenômenos sócio-humanos. Com isso, parece ser que as pessoas e sua construção de um sentido para a realidade social baseia-se na interdependência social, na qual cooperação, individualismo e competição se inserem na manutenção tanto do significado quanto da prática do comportamento e atitude discriminatória (Fiúza, 2001; Ferreira, 2002; Brown, 1990; Leyens & Yzerbyt, 1999).

A discriminação social atinge diversos grupos sociais, especialmente os considerados minoritários (por exemplo, negro, homossexual, mulheres, etc.), fazendo com que os danos sofridos por estes grupos conseqüente desse corte social e humano venham demorar a cicatrizar individual e socialmente o que este fenômeno causou (Monte, 2001). De fato, o preconceito não se extinguiu, adquiriu apenas uma nova capa, tornando-o sutil, disfarçado, etc. (Pettigrew & Meertens, 1995; Swim, Aikin, Hall & Hunter, 1995; Tougas, Brown, Beaton & Joly, 1995); a metáfora de Munanga (2002) é real e faz juz ao que se pretende tratar neste trabalho. Segundo o autor, considerando o preconceito racial, este fenômeno pode ser comparado a um *iciberg*, cuja maior parte estar encoberta e apenas se vê a ponta dele. Estas novas formas do preconceito podem ser consideradas, justamente, essa parte submersa, a que se vê com muita dificuldade ou até finge não enxergar. Se quanto ao fenômeno racial é assim, em relação ao gênero não é diferente, já que esta categoria é observada como grupo “minoritário” (Formiga & cols., 2004); talvez seja pior! Principalmente por nesta categoria perceber-se como algo que não ocorre no Brasil.

Mesmo sabendo das mudanças na sociedade civil brasileira, encontradas na Constituição de 1989, quanto a igualdade entre homens e mulheres, tomando-a como princípio geral, é possível acompanhar um avanço sim, mas não uma superação dessa desigualdade (Marodin, 1997). Dessa maneira, da Lei as teorias científicas reconhecidas na sociedade, não se pode deixar de crer que estas também estão impregnadas de ideologias capazes de guiarem e justificarem os comportamentos do indivíduo tornando-os “comuns”, fazendo com que sirvam de base para que homens e mulheres adotem esquemas psicológicos e ideológicos que refletem condutas a respeito da formação discriminatória de papéis sexuais (Paez, Torres & Echebarría, 1990), principalmente, em relação a estabilidade sutil dessas práticas.

O tema a respeito da discriminação da mulher permite muitas especulações em âmbitos diversos das Ciências Humanas e Sociais (ver Aguiar, 1997). Causas e conseqüências podem ser hipotetizadas e defendidas, porém não se conhecerá sua verdadeira extensão se não se consideram diretamente os agentes que o fomentam: homens e mulheres da sociedade civil. Suas opiniões, atitudes e pensamentos sobre o papel da mulher em diferentes facetas da sociedade são cruciais no momento de compreender formas e conteúdos desse fenômeno (Formiga, Gouveia & Santos, 2002).

Partindo dessa perspectiva, bem como, dos inúmeros estudos a respeito desse fenômeno, observou-se que são poucos ou nenhum os instrumentos que avaliam o preconceito feminino no Brasil. Por exemplo, em busca recentemente realizada para aferir esta situação, a qual tinham as seguintes combinações de palavras-chave: *escala e discriminação, mulher ou instrumento, gênero e preconceito* (Index Psi, 2003), encontrou-se apenas um artigo que trata da validação de um instrumento desenvolvido por Formiga, Gouveia e Santos (2002) a qual aborda o fenômeno social em destaque. Com isso, a partir desse estudo resolveu-se avaliar a consistência interna e estrutura fatorial do inventário do sexismo ambivalente adaptado por esses autores para o contexto brasileiro.

Tratar da fidedignidade de um teste diz respeito à característica que ele deve possuir quanto a mensuração do objeto de estudo; assim, ao mensurar o fenômeno estudado com os mesmos sujeitos ou não em situações diferentes permitindo garantir a precisão do instrumento e, consecutivamente, a medida do fenômeno, seja na sua estrutura fatorial ou considerando um coeficiente de precisão, para isso, o *Alfa de Cronbach* é tomado como critério de consistência (Kerlinger, 1980; Richardson, 1999; Cronbach, 1990; Anastasi & Urbina, 2000). Este alfa é um dos indicadores psicométricos mais utilizados para verificar a fidedignidade ou validade interna do instrumento, o qual deverá apresentar um escore perto ou igual a 1.

Desta forma, quanto mais próximo desse número melhor será sua precisão, o que significa que os itens são homogêneos em sua mensuração, produzindo a mesma variância (Kline, 1994; Pasquali, 1997; Pasquali, 2001; Tabachnick & Fidel, 1996) vindo a caracterizar uma segurança para a medida do fenômeno que se quer avaliar. Desta maneira, neste trabalho trata-se de avaliar a consistência interna e estrutural item-fator do inventário de sexismo ambivalente em dois

contextos brasileiros, as são detalhadas a seguir. Com isso, espera-se que o inventário apresente semelhante organização item-fator encontrado por Formiga, Gouveia e Santos (2002).

MÉTODO

Amostra

Duas amostras compuseram este estudo; participaram da pesquisa 257 sujeitos da população geral da cidade de Palmas – TO, de ambos os gêneros, sendo que a maioria era do sexo feminino (62%), com idade variando de 20 a 56 anos ($M = 25,10$; $DP = 7,80$) compondo a amostra **N1**. 287 sujeitos da cidade de João Pessoa - PB, a maioria era do sexo feminino (58%) e idade variando de 18 a 56 anos ($M = 27,29$; $DP = 8,17$) compuseram a amostra **N2**. Estas amostras são não probabilísticas, podendo ser definidas como intencional; foram consideradas as pessoas que, consultadas, dispuseram-se a colaborar respondendo o questionário que era apresentado.

Instrumento

Os participantes responderam um questionário constando de duas partes:

Inventário de Sexismo Ambivalente, ISA.

Elaborado originalmente em língua inglesa (Glick & Fiske, 1996) e adaptado por Formiga, Gouveia e Santos (2002) para o contexto brasileiro. Este instrumento é composto por 22 itens que avaliam os estereótipos assumidos por cada gênero (masculino e feminino) a respeito de duas dimensões do sexismo: hostil (por exemplo, As mulheres feministas estão fazendo exigências completamente sem sentido aos homens; A maioria das mulheres não apreciam completamente tudo o que os homens fazem por elas) e benévolo (por exemplo, As mulheres devem ser queridas e protegidas pelos homens; Muitas mulheres se caracterizam por uma pureza que poucos homens possuem). Para respondê-lo a pessoa deve ler cada item e indicar o quanto está de acordo com o conteúdo expresso, utilizando para tanto uma escala de quatro pontos, tipo Likert, com os seguintes extremos: **1 = Discordo Totalmente** e **4 = Concordo Totalmente**. Em um estudo original (ver Formiga, Gouveia e Santos, 2002), a partir de uma análise fatorial confirmatória, o inventário apresentou parâmetros psicométricos aceitáveis para a população brasileira com os seguintes indicadores de bondade de ajuste: $GFI = 0,77$ e $AGFI = 0,72$; $\chi^2/g.l. = 3,18$; $RMSR = 0,10$. (Formiga e cols., 2002).

Caracterização Sócio-Demográfica.

Uma folha separada foi anexada ao instrumento prévio, onde eram solicitadas informações de caráter sócio-demográfico (por exemplo, idade, sexo, estado civil, etc.).

Procedimento

Procurou-se definir um mesmo procedimento padrão que consistia em aplicar o ISA individualmente tanto na cidade de Palmas – TO quanto em João Pessoa - PB. Aplicadores devidamente treinados ficaram responsáveis pela coleta dos dados; após conseguir a permissão dos transeuntes quando abordados, se apresentava como interessado em conhecer as opiniões e os comportamentos das pessoas no dia a dia, solicitando a colaboração voluntária dos mesmos no sentido de responderem um questionário breve. Foi-lhes dito que não haviam respostas certas ou erradas, e que respondessem ao mais sincero possível após o aplicador ter finalizado sua afirmativa contida no instrumento; a todos era assegurado o anonimato das suas respostas, que seriam tratadas em seu conjunto. Desta forma, contando com as instruções necessárias para que possam ser respondidos, os pesquisadores esteve presente durante toda a aplicação para retirar eventuais dúvidas ou realizar esclarecimentos que se fizessem indispensáveis. Um tempo médio de 20 minutos foram suficientes para concluir essa atividade.

O pacote estatístico SPSSWIN, em sua versão 11.0, foi utilizado para tabular os dados e realizar as análises estatísticas descritivas, bem como os cálculos referentes a correlação r de Pearson, Alfa de Cronbach (α) e Análise de Componentes Principais; neste caso, adotou-se uma rotação varimax.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tendo como objetivo principal do estudo, a avaliação da fidedignidade do Inventário de Sexismo Ambivalente em dois contextos brasileiros procedeu-se a realização de uma análise de Componentes Principais para as duas amostras (N1 = Palmas-TO e N2 = João Pessoa-PB). Para a amostra N1 o uso desta técnica se mostrou meritória (KMO = 0,80; Teste de Esfericidade de Bartlett, $\chi^2 = 1192,97$, $p < 0,001$) (Bisquerra, 1989). Esta solução fatorial permitiu identificar dois componentes com eigenvalue superior a 1,00, explicando conjuntamente 32,7% da variância total; os principais resultados desta análise são apresentados na Tabela 1.

Tabela 1: Análise de Componentes Principais do Inventário de Sexismo Ambivalente.

COMPONENTES DO SEXISMO AMBIVALENTE		
	$a_{i,f}$	h^2
SEXISMO HOSTIL (<u>Alpha de Cronbach = 0,81</u>)		
15	Mulher procura controlar ao homem comprometido com ela	0,72 0,53
11	Mulheres procuram poder controlando aos homens	0,72 0,49
18	Mulheres atraem sexualmente e depois rejeitam aos homens	0,68 0,25
14	Mulheres exageram problemas no trabalho	0,63 0,29
10	Mulheres não dão valor a tudo o que os homens fazem por elas	0,61 0,46
04	Mulheres interpretam ações inocentes como sendo sexistas	0,60 0,16
07	Feministas procuram que as mulheres tenham mais poder	0,59 0,40
05	Mulheres se ofendem muito facilmente	0,54 0,39
21	Feministas fazem demandas irracionais aos homens	0,49 0,38
16	Mulheres alegam discriminação em derrotas justas	0,39 0,54
02	Em nome da igualdade, as mulheres procuram privilégios	0,39 0,16
SEXISMO BENÉVOLO (<u>Alpha de Cronbach = 0,75</u>)		
12	Todo homem deve ter uma mulher a quem amar	0,75 0,56
13	Homem está incompleto sem mulher	0,75 0,61
09	Mulheres devem ser queridas e protegidas por homens	0,68 0,33
06	Ninguém é feliz sem ter um(a) companheiro(a)	0,55 0,47
22	Mulheres são mais refinadas e têm melhor bom gosto	0,55 0,10
17	Uma boa mulher deve ser posta no pedestal por seu homem	0,47 0,20
01	Homem não se sente completo sem o amor de uma mulher	0,38 0,31
08	Mulheres têm pureza que poucos homens possuem	0,38 0,15
19	Mulheres têm maior sensibilidade moral	0,31 0,07
20	Homens devem prover segurança econômica a mulheres	0,30 0,26
03	Em catástrofes, mulheres devem ser resgatadas primeiro	0,30 0,16

Nota: $a_{i,f}$ = Carga Fatorial; h^2 = Cumunalidade. Amostra de Palmas – TO. N = 257

Uma saturação de $\pm 0,30$ foi assumida como satisfatória para interpretar os componentes. O primeiro deles, com eigenvalue de 4,70, reuniu 11 itens, podendo ser descrito como Sexismo Hostil (por exemplo, *As mulheres feministas estão fazendo exigências completamente sem sentido aos homens; A maioria das mulheres não aprecia completamente tudo o que os homens fazem por elas*) com uma consistência interna de 0,81. O segundo componente apresentou um eigenvalue de 2,49, estando formado por 11 itens que representam diretamente o Sexismo Benévolo (por exemplo, *Muitas mulheres se caracterizam por uma pureza que poucos homens*

possuem; As mulheres, em comparação com os homens, mostram um sentido refinado para a cultura e o bom gosto) tendo com isso, apresentando um alfa (α) de Cronbach de 0,75. Vale destacar que foi observada, nesta amostra, uma relação direta entre o sexismo hostil e benévolo ($r = 0,31$; $p < 0,01$).

Para amostra N2, a medida de adequação também se mostrou meritória (KMO = 0,79; Teste de Esfericidade de Bartlett, $\chi^2 = 1277,27$, $p < 0,001$). Observou-se que a solução fatorial apresentou, também, dois componentes com eigenvalue superior a 1,00 e explicando 31,07% da variância total; desta forma, mantendo a saturação realizada na análise da primeira amostra (N1), que foi de $\pm 0,30$ visando a interpretação dos componentes, é possível observar que o primeiro fator, com eigenvalue de 4,18 reunindo 11 itens, podendo ser descrito como Sexismo Hostil com uma consistência interna de 0,76. O segundo componente apresentou um eigenvalue de 2,65, estando formado por 11 itens que representam diretamente o Sexismo Benévolo tendo com isso, apresentando um alfa (α) de Cronbach de 0,72; esses resultados podem se acompanhados na tabela 2. Também, que foi observada uma correlação positiva entre o sexismo hostil e benévolo ($r = 0,30$; $p < 0,01$) para essa amostra.

Tabela 2: Análise de Componentes Principais do Inventário de Sexismo Ambivalente

COMPONENTES DO SEXISMO AMBIVALENTE		a_{i,r}	h²
SEXISMO HOSTIL (Alpha de Cronbach = 0,76)			
15	Mulher procura controlar ao homem comprometido com ela	0,70	0,50
11	Mulheres procuram poder controlando aos homens	0,75	0,56
16	Mulheres alegam discriminação em derrotas justas	0,65	0,42
14	Mulheres exageram problemas no trabalho	0,63	0,40
05	Mulheres se ofendem muito facilmente	0,54	0,34
07	Feministas procuram que as mulheres tenham mais poder	0,53	0,29
21	Feministas fazem demandas irracionais aos homens	0,52	0,27
18	Mulheres atraem sexualmente e depois rejeitam aos homens	0,48	0,25
04	Mulheres interpretam ações inocentes como sendo sexistas	0,39	0,19
02	Em nome da igualdade, as mulheres procuram privilégios	0,36	0,16
10	Mulheres não dão valor a tudo o que os homens fazem por elas	0,34	0,13
SEXISMO BENÉVOLO (Alpha de Cronbach = 0,72)			
12	Todo homem deve ter uma mulher a quem amar	0,72	0,55
13	Homem está incompleto sem mulher	0,66	0,44
09	Mulheres devem ser queridas e protegidas por homens	0,63	0,41
01	Homem não se sente completo sem o amor de uma mulher	0,59	0,36
08	Mulheres têm pureza que poucos homens possuem	0,56	0,32
06	Ninguém é feliz sem ter um(a) companheiro(a)	0,51	0,26
20	Homens devem prover segurança econômica a mulheres	0,47	0,28
22	Mulheres são mais refinadas e têm melhor bom gosto	0,47	0,24
19	Mulheres têm maior sensibilidade moral	0,46	0,21
17	Uma boa mulher deve ser posta no pedestal por seu homem	0,36	0,17
03	Em catástrofes, mulheres devem ser resgatadas primeiro	0,32	0,11

Nota: a_{i,r} = Carga Fatorial; h² = Cumunalidade. Amostra João Pessoa-PB. N = 287.

A partir desses resultados, tanto a estrutura quanto os alfas do inventário do sexismo ambivalente neste estudo, corresponde aos encontrados por Formiga, Gouveia e Santos (2002). Algo que merece atenção quanto aos indicadores da consistência interna (alfa [α] de Cronbach), está no que diz respeito a observação de maiores alfas no presente estudo do que os encontrados no estudo anterior (ver tabela 2). Assim, comparando as tabelas 1 e 2 é possível observar que os itens do inventário correspondem aos respectivos fatores destacados pelos autores citados, isto é, o sexismo hostil é composto pelos itens 02, 04, 05, 07, 10, 11, 14, 15, 16, 18 e 21, já o fator do sexismo benévolo é formado pelos itens 01, 03, 06, 08, 09, 12, 13, 17, 19, 20 e 22, mantendo assim, sua consistência interna e fatorial do inventário. Para um maior detalhe comparativo, na tabela 3, se encontra o resultado da análise fatorial confirmatória realizada por Formiga e cols. (2002) quando na adaptação do inventário, podendo com isso, observar que a relação item-fator é semelhante às encontradas no estudo vigente.

Tabela 3: Análise Fatorial Confirmatória do Inventário de Sexismo Ambivalente realizado por Formiga, Gouveia e Santos (2002; 108)

FATORES DO SEXISMO AMBIVALENTE		
	Lx	IM
SEXISMO BENÉVOLO (Alpha de Cronbach = 0,77)		
12 Todo homem deve ter uma mulher a quem amar	0,89*	0,19
13 Homem está incompleto sem mulher	0,83*	0,51
09 Mulheres devem ser queridas e protegidas por homens	0,51*	2,08
06 Ninguém é feliz sem ter um(a) companheiro(a)	0,63*	1,67
22 Mulheres são mais refinadas e têm melhor bom gosto	0,35*	0,01
17 Uma boa mulher deve ser posta no pedestal por seu homem	0,40*	10,31
01 Homem não se sente completo sem o amor de uma mulher	0,54*	0,02
08 Mulheres têm pureza que poucos homens possuem	0,33*	1,59
19 Mulheres têm maior sensibilidade moral	0,38*	1,16
20 Homens devem prover segurança econômica a mulheres	0,30*	1,20
03 Em catástrofes, mulheres devem ser resgatadas primeiro	0,20*	0,01
SEXISMO HOSTIL (Alpha de Cronbach = 0,66)		
15 Mulher procura controlar ao homem comprometido com ela	0,70*	3,63
11 Mulheres procuram poder controlando aos homens	0,66*	0,44
18 Mulheres atraem sexualmente e depois rejeitam aos homens	0,62*	0,39
14 Mulheres exageram problemas no trabalho	0,52*	0,27
10 Mulheres não dão valor a tudo o que os homens fazem por elas	0,52*	0,30
04 Mulheres interpretam ações inocentes como sendo sexistas	0,49*	0,23
07 Feministas procuram que as mulheres tenham mais poder	0,42*	0,19
05 Mulheres se ofendem muito facilmente	0,42*	0,17
21 Feministas fazem demandas irracionais aos homens	0,39*	0,15
16 Mulheres alegam discriminação em derrotas justas	0,36*	0,13
02 Em nome da igualdade, as mulheres procuram privilégios	0,36*	0,16

Nota: * Diferente de zero ($t \geq 1.96$, $p < .05$); **Lx** = Lambda, Carga Fatorial; **IM** = Índice de Modificação.

Apresentado os resultados, esta pesquisa pretendeu contribuir na seguinte direção: avaliar a consistência interna e da organização item-fator do inventário de sexismo ambivalente, considerando dois contextos brasileiros. Desta forma, tomando como base para este estudo, a pesquisa de Formiga, Gouveia e Santos (2002). Foi possível reunir provas a favor do instrumento utilizado e sua segurança de mensuração. Estes autores demonstraram a existência de uma

estrutura fatorial simples convergente com a observada nos estudos anteriores em outros países (Expósito, Moya & Glick, 1998; Glick & Fiske, 1996; Mladinic e cols., 1998). Assim, os dois fatores de sexismo, benévolo e hostil, são visíveis na análise dos Componentes Principais, bem como, garantindo sua consistência a partir dos alfas encontrados, os quais estão próximos aos encontrados por Mladinic e cols. (1998), Glick e Fiske (1996) e Formiga, Gouveia e Santos (2002). Vale destacar que no estudo desses últimos autores, os alfas se mostraram inferiores, observando um aumento na atual pesquisa; tal fato se deve, a sugestão feita por eles quanto ao aspecto semântico e cultural dos itens, o que foi considerado no presente estudo.

Desta maneira, é possível pensar na manutenção da discriminação feminina, apontando para uma forma mais ancestral de sexismo, o hostil, compartilhando com uma forma sutil, neste caso seria o sexismo benévolo. Assim, esse estudo corroborou os resultados antes encontrados em outro contexto social, tanto na sua estrutura quanto a consistência interna, tornando com isso, fidedigno o instrumento. Para tanto, espera-se que os objetivos deste estudo tenham sido cumpridos, tendo sido apresentado provas sobre a consistência do Inventário de Sexismo Ambivalente (Glick & Fiske, 1998), especificamente sobre sua validade de construto em dois contextos brasileiros.

Observou-se a bidimensionalidade que o sexismo ambivalente comporta, o qual expressa um conjunto de estereótipos quanto à avaliação cognitiva, afetiva e atitudinal sobre o papel apropriado que cada indivíduo deve ocupar ou executar na sociedade (Expósito, Moya & Glick, 1996). Bem como, que a existência de uma das formas de sexismo, possivelmente, apresentará a outra forma discriminatória frente as mulheres, pois as dimensões de sexismo estiveram interrelacionadas positivamente. Por fim, merece refletir que o surgimento do sexismo benévolo pode ser destacado como um problema quando se pretende a relação de igualdade e de justiça social, o que difere do sexismo hostil, cuja manifestação é evidente e diretamente atacado. A forma mais sutil parece escorrer por entre os dedos na busca de se apalpar de forma justa e honrosa os direitos de todos os seres humanos, principalmente dos grupos minoritários (Monte, 2001).

Assim, a discriminação contra a mulher vem sendo mascarada e de finas atitudes, ao tratá-la como um ser especial, frágil e que necessita de cuidados, na verdade não se deixa de discriminar, apenas expressa tais diferenças de forma mais discreta. Com isso, o que atualmente encontramos, tanto acompanhando o cotidiano quanto em resultados científicos, os quais vem confirmar praticamente o óbvio, o elogio ou gratidão diante da mulher muitas vezes não passa de ser a outra cara da moeda há muito conhecida: o sexismo (ver Swim, Mallett & Stangor, 2004; Thomas & Esses, 2004). Vale destacar que o instrumento considerado nesse estudo, bem como, a comprovação da organização dos itens em fatores e sua consistência, não permitirão acabar com as atitudes discriminatórias, mas pelos menos oferecerá base para conhecer a extensão do problema e antecipar conseqüências vindouras, o que o faz útil nos estudos que tratem da questão do preconceito contra as mulheres, já que poucos são os instrumentos nesta perspectiva.

REFERENCIAS BIBLIGRÁFICAS

Aguiar, N. (1997). Gênero e ciências humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos.

Anastasi, A. & Urbina, S. (2000). Fidedignidade. Em: Testagem psicológica. (pp. 84-105). Artmed: Porto Alegre.

Bisquerra, A. R. (1989). Introducción conceptual al análisis multivariable: Un enfoque informático con los paquetes SPSS-X, BMPD, LISREL y SPAD. Barcelona: PPU.

Brown, R. (1990). Relaciones intergrupales. Em: M. Hewstone, W. Stroebe, J. P. Codol y M. Stephenson (Coords.). Introducción a la psicología social. Una perspectiva europea (pp. 369-393). Barcelona: Ariel.

Cronbach, L. (1990). Como julgar os testes: fidedignidade e outras qualidades. Em: Fundamentos da testagem psicológica (pp. 176-197). Artes médicas: Porto Alegre.

Elias, N. (1987/1994). A sociedade dos indivíduos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Expósito, F., Moya, M. C. & Glick, P. (1998). Sexismo ambivalente: Medición y correlatos. Revista de Psicología Social, 13, 159-169.

Ferreira, R. F. (2002). O brasileiro, o racismo silencioso e a emancipação do afro-descendente. Revista Psicologia e sociedade, 14 (1), 69-86.

Fiúza, A. L. C. (2001). Mulheres nas políticas de desenvolvimento sustentável. Em: C. Bruschini e C. R. Pinto (Org.). Tempos e lugares de gênero (pp.87-118). São Paulo: FCC.

Formiga, N. S., Gouveia, V. V. & Santos, M. N. (2002). Inventário de sexismo ambivalente: sua adaptação e relação com o gênero. Revista Psicologia em estudo, 7 (1), 105-111.

Formiga, N. S.; Yepes, C. F.; Alves, I.; Ayroza, I.; Teixeira, J. & Curado, F. (2004). Flagrando o preconceito: Uma análise descritiva das atitudes preconceituosas frente aos negros, mulheres e homossexuais. Anais do XXXIV reunião anual da sociedade brasileira de psicologia. Formação do psicólogo brasileiro: História de desafios e conquistas. Ribeirão Preto - SP. 26 a 29 de Outubro. [Resumo Eletrônico].

Glick, P. & Fiske, S. T. (1998). The Ambivalent Sexism Inventory: Differentiating hostile and benevolent sexism. Journal of Personality and Social Psychology, 70, 491-521.

Index Psi. (2003). Escala e discriminação, mulher ou instrumento, gênero e preconceito. Endereço da Página WEB: <http://www.Indexpsi.org.br> (Consultado em 15 de Outubro de 2004).

Kerlinger, F. N. (1980). Metodologia da pesquisa em ciências sociais. São Paulo: EPU.

Kline, P. (1994). An easy guide to factor analysis. Routledge: New York, NY.

Lane, S. T. M. (1987). Psicologia social: o homem em movimento. São Paulo: Brasiliense.

Leyens, J-P. & Yzerbyt, V. (1999). Relações e conflito intergrupos. Em: Psicologia social (pp. 263-293). Lisboa: Edições 70.

Marodin, M. (1997). As relações entre o homem e a mulher na atualidade. Em: Marlene N. Strey (Org.). Mulher: Estudos de gênero (pp.09-18). São Leopoldo: Unisinos.

Mladinic, A., Saiz, J. L., Díaz, M., Ortega, A. & Oyarce, P. (1998). Sexismo Ambivalente en estudiantes universitarios chilenos: Teoría, medición y diferencias del género. Revista de Psicología Social y Personalidad, 14, 1-14.

Monte, D. F. C. (2001). Aspectos do preconceito étnico em relação ao negro: Um estudo empírico no setor supermercadista de João Pessoa – PB. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Departamento de Psicologia. Universidade federal da Paraíba, João Pessoa, PB.

Munanga, K. (2002). Prefácio. Em: I. Carone e M. A. S. Bento (Orgs.). Psicologia social do racismo: Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil (pp. 9-11). Petrópolis: Vozes.

Páez, D., Torres, B. & Echebarria, A. (1990). Esquema de si, representación social y estereotipo sexual. Em: G. Musitu (Org.). Procesos psicosociales básicos (pp. 229-234). Barcelona: PPU.

Pasquali, L. (1997). Psicometria: teoria e aplicações. Brasília: UNB.

Pasquali, L. (2001). Técnicas de exame psicológico – TEP. Manual de fundamentos das técnicas psicológicas. São Paulo: Casa do psicólogo.

Pettigrew, T. F. & Meertens, R. W. (1995). Subtle and blatant prejudice in Western Europe. European journal of social psychology, 25, 57-75.

Richardson, R. J. (1999). Pesquisa social: Métodos e técnicas. São Paulo: Atlas.

Swim, J. K., Mallett, R. & Stangor, C. (2004). Understanding Subtle Sexism: Detection and Use of Sexist Language. Sex Roles, 51 (3/4), 117-128.

Swin, J. K., Aikin, K. J., Hall, W. S. & Hunter, B. A. (1995). Sexism and racism: Old-fashioned and modern prejudices. *Journal of Personality and Social Psychology*, 68, 199-214.

Tabachnick, B. G. & Fidell, L. S. (1996). *Using multivariate statistics*. Harper Collins: New York, NY.

Tajfel, H. (1983). *Grupos humanos e categorias sociais*. Lisboa: Livros horizonte.

Thomas, C. A. & Esses, V. M. (2004). Individual differences in reactions to sexist humor. *Group Processes & Intergroup Relations*, 7 (1), 89–100.

Tougas, F., Brown, R., Beaton, A. N. & Joly, S. (1995). Neosexism: Plus ça change, Plus c'est pareil. *Personality and social psychology behavior*, 21 (8), 842-849.